

AS HEROÍNAS AMEFRICANAS: OS CORDÉIS DE JARID ARRAES SOB ANÁLISE FEMINISTA DECOLONIAL

SANTANA, Jiliane Movio¹

RESUMO: Os cordéis da coleção *Heroínas Negras Brasileiras*, de Jarid Arraes, são posicionados neste artigo enquanto produções literárias decoloniais ao apresentarem as histórias das *amefricanas*, mulheres negras cujas trajetórias foram significativas para a história do Brasil. Os folhetos são acionados pela escritora enquanto ferramentas políticas, com abordagens relevantes aos feminismos negro e decolonial, bem como a manutenção de elementos importantes para a literatura de cordel, a “estética da tradição” (ARRAES, 2019). Os cordéis da coleção são analisados a partir de repertórios não hegemônicos propostos por intelectuais relacionadas ao feminismo decolonial, como a categoria metodológica da *Amefricanidade*, de Lélia Gonzalez (1988), o conceito de *locus fraturado* de María Lugones (2014), assim como as movimentações dialéticas entre opressão e ativismo, de Patricia Hill Collins (2019). A localização das *amefricanas* em suas potencialidades, enquanto heroínas produtoras de saberes de resistência, nos permite versar também sobre as posições de heróis e anti-heróis no campo da literatura de cordel, compreendendo a reorganização operada pela cordelista.

PALAVRAS-CHAVE: literatura de cordel; feminismo decolonial; literatura feminista negra; *amefricanidade*.

THE AMEFRICANAS HEROINES: JARID ARRAES'S *CORDÉIS* UNDER DECOLONIAL FEMINIST ANALYSIS

ABSTRACT: The *cordéis* from the collection *Heroínas Negras Brasileiras*, by Jarid Arraes, are positioned in this article as decolonial literary productions, as they present the stories of *Amefricanas*, black women whose trajectories were significant for the history of Brazil. The flyers are used by the

¹ SANTANA, Jiliane Movio. Mestra em Estudos de Linguagens pela Universidade Tecnológica Federal do Paraná, campus Curitiba (2021). Atualmente técnica em assuntos educacionais na UTFPR-CT. E-mail: jiliane.movio@gmail.com

writer as a political tools, with approaches relevant to black and decolonial feminisms, as well as maintaining important elements for *cordel* literature, the “estética da tradição” (ARRAES, 2019). The *cordéis* in the collection are analyzed from non-hegemonic repertoires proposed by intellectuals related to decolonial feminism, such as the methodological category of *Amefricanidade*, by Lélia Gonzalez (1988), the concept of *fractured locus* by María Lugones (2014), as well as the movements dialectics between oppression and activism, by Patricia Hill Collins (2019). The location of the Amefrican women in their potential as heroines that produce knowledge of resistance, allows us to also discuss the positions of heroes and anti-heroes in the field of *cordel* literature, including the reorganization operated by the *cordelista*.

KEYWORDS: *cordel* literature; decolonial feminism; black female literature; *amefricanidade*.

INTRODUÇÃO

*Mesmo que pouco lembradas
Elas são inspiração
Pois nos contam a verdade
Sobre a história da nação
Onde os negros guerrearam
Pela enfim libertação.
(Cordel Mariana Crioula, Jarid Arraes)*

A epígrafe acima apresentada indica, nos versos do cordel sobre Mariana Crioula, a proposição da cordelista Jarid Arraes. Sua coleção de cordéis *Heroínas Negras Brasileiras*: em 15 cordéis reúne, nos suportes cordel e livro, as histórias de mulheres negras – as heroínas *amefricanas* – cuja importância para a formação histórico-cultural brasileira é localizada e destacada, desmontando narrativas estereotipadas e racistas presentes nas produções culturais, acadêmicas e pedagógicas brasileiras. O presente trabalho tem por objetivo localizar os cordéis da coleção *Heroínas Negras Brasileiras* no campo da literatura de cordel, enquanto produções literárias feministas e decoloniais, considerando e destacando sua relevância política na formação identitária e histórico-cultural da população brasileira, bem como quanto à promoção da educação das relações étnico-raciais. O suporte cordel foi selecionado pela escritora e militante feminista negra como ferramenta de transformação social ao levar em conta aspectos importantes deste gênero literário, como a mediação e a tradução, tal como sobre seu posicionamento no campo da literatura brasileira.

A escritora Jarid Arraes, nascida em Juazeiro do Norte em 12 de fevereiro de 1991, filha e neta dos cordelistas consagrados - o avô é Abraão Batista e o pai é Hamurabi Bezerra Batista -, escolhe e aciona os folhetos para produzir poesias feministas e antirracistas. O

primeiro cordel, *Dora: A Negra e Feminista*, foi composto em 2014, após conversa com seu pai e a decisão de escrever sobre questões do feminismo negro e dos direitos humanos. São aproximadamente setenta cordéis produzidos, e suas primeiras publicações foram custeadas e divulgadas por ela, em seu *blog* e mídias sociais. O primeiro livro, *As lendas de Dandara*, foi lançado em 2016 de forma independente, custeado com verba que tomou emprestada, após diversas tentativas de publicá-lo em editoras de médio ou grande porte, incluindo editoras voltadas às publicações de literatura negra ou afro-brasileira. Seu último livro publicado, o romance *Corpo Desfeito*, foi lançado em 2022 pelo selo *Alfaguara*, pertencente à editora Companhia das Letras, que abriga outros dois títulos da escritora. Indicar brevemente o percurso literário e editorial da cordelista é importante, pois denota a importância de seu trânsito no campo da literatura brasileira, no qual Arraes aponta as ausências das mulheres negras, questiona o cânone e também aponta para o lugar construído para a literatura de cordel.

Os cordéis de Arraes estiveram dispostos para a venda, primeiro em seu *blog*, posteriormente migrado para um *site*, com todo o processo de produção e envio dos folhetos realizado pela escritora. Os folhetos da coleção *Heroínas Negras Brasileiras* poderiam ser adquiridos por unidade ou em um kit composto por vinte cordéis. O *site*, bem como o trânsito literário da escritora, tem passado por mudanças e atualizações; aspectos importantes e ressaltados por Arraes em suas entrevistas; no período após o início da pandemia da COVID-19 os cordéis deixaram de ser veiculados para venda, podendo ainda ser encomendados diretamente com a escritora, de acordo com mensagem no site, na aba “cordéis”.²

Para a publicação no formato livro houve a seleção de 15 cordéis, com as histórias das seguintes heroínas *amefricanas*: Antonieta de Barros, Aqualtune, Carolina Maria de Jesus, Dandara dos Palmares, Esperança Garcia, Eva Maria do Bonsucesso, Laudelina de Campos Melo, Luísa Mahin, Maria Felipa, Maria Firmina dos Reis, Mariana Crioula, Na Agontimé, Tereza de Benguela, Tia Ciata e Zacimba Gaba. A primeira publicação dos cordéis no suporte livro ocorreu em 2017, pela editora Pólen, uma editora independente cujo nome foi alterado para Jandaíra em 2020, no mesmo período em que o livro *Heroínas Negras Brasileiras*: em 15 cordéis passou a ser publicado por outro selo da Companhia das Letras, o *Seguinte*. A migração do cordel para o suporte livro, bem como a mudança das editoras, são marcações que indicam a relevância dos folhetos e das abordagens sobre as heroínas *amefricanas*.

² <https://jaridarraes.com/cordeis/> Último acesso em 25/11/2022.

Arraes opera dinâmicas de permanências e mudanças em seus usos do suporte cordel, como a manutenção da estética dos folhetos em conjunto às abordagens feministas negras. As escolhas efetuadas pela cordelista estão relacionadas aos seus posicionamentos políticos que incidem nas produções literárias, também implicadas nas mudanças ocorridas no campo da literatura de cordel, manifestação cultural que está em diálogo e interações com outras produções culturais e também com o tempo histórico de sua produção e recepção.

OS FOLHETOS EM ATUALIZAÇÕES

O campo da literatura de cordel foi consolidado sob o viés científico com as análises e os registros de pesquisadores a partir de fins do século XIX, que o localizaram como uma produção cultural popular cujas origens estão relacionadas às publicações portuguesas, espanholas ou francesas. A despeito destes enquadramentos, muitas vezes reducionistas e eurocêntricos porque movimentados dentro dos referenciais da colonialidade do saber, compreendemos a literatura de cordel como manifestação cultural integrada a outras produções e urdida nas tensões e acomodações culturais que são essencialmente do arranjo brasileiro, especialmente nos estados da região Nordeste, como a Paraíba e Pernambuco. Definitivamente dialógico, tradutor e comunicador, o cordel movimenta saberes e valores, seja de aspectos conservadores de fundamentos religiosos e morais, seja de mobilizações críticas para transformações sociais e culturais.

As dimensões políticas dos folhetos são balizadas quando cordelistas e cantadores usam seus versos para as análises sobre ações de líderes locais, como políticos, fazendeiros, funcionários públicos e religiosos. Elementos relacionados ao grotesco e aos exageros, como os excrementos, as caganeiras e as farturas de alimentos, entre outros, são acionados para provocar o riso, permitindo também a expressão de opressões e incômodos vividos pelos mais pobres e marginalizados. Segundo Francisco Cláudio Alves Marques, ao analisar a obra do cordelista Leandro de Gomes Barros do início do século XX, “do entrelaçamento de linguagens entre a literatura de cordel e as festas populares nordestinas, abre-se a janela para uma crítica sem precedentes, pelo menos no Nordeste, à ideologia republicana” (2014, p. 108). O humor ácido e a inversão satírica são recursos para contestação política e a crítica de uma disposição de poderes que resultava na exploração de comunidades empobrecidas, castigadas pela fome e pelas violências físicas e simbólicas, decorrentes do poder e da natureza.

As produções de cantorias, pelejas e cordéis guardam as complexidades histórico-sociais de uma sociedade atravessada por desigualdades. Estas práticas culturais são espaços de denúncias e resistências, mas também da manutenção de estigmas e preconceitos. Após trabalho de pesquisa sobre gênero e raça na literatura de cordel, Miguel Pereira Barros conclui que houve um “rebaixamento dos personagens homens negros em relação aos homens brancos, associando-os a imagens de demônios, fracos, traídos e feios, evidenciando o predomínio do preconceito racial na literatura” (2015, p. 115). Assim, verificamos em folhetos de cordelistas e editoras consolidados no campo da literatura de cordel as representações estereotipadas de mulheres e homens negros, relacionadas aos valores racistas predominantes e que forjaram a cultura brasileira ao longo do século XX.

As mudanças nos dispositivos e práticas culturais incorporadas à sociedade brasileira ao longo do século XX impactam as produções de folhetos, tal como as dinâmicas históricas e reorganizações de políticas econômicas e sociais, como ocorridas nas décadas de 1950 e 1980, por exemplo, que movimentaram contingentes populacionais de estados do Nordeste para as capitais do Sudeste ou ainda as pautas relativas aos direitos humanos discutidas nos processos de redemocratização após as décadas de governos ditatoriais. A literatura de cordel incorpora, troca, interage com as novas produções literárias, cinematográficas, televisivas, novas linguagens estéticas e materiais e novos espaços de publicação, divulgação e venda. De acordo com Marco Antônio Gonçalves, o cordel é uma “produção poética híbrida” (2007, p. 33), que alimenta e é alimentada por manifestações culturais variadas, acionadas em correspondências aos contextos históricos de elaboração dos versos e dos elementos diversos que compõem o cordel. As relações entre cordelistas e leitores também se alteram e se reorganizam, e as possibilidades apresentadas pela internet, por exemplo, permitem a divulgação de trabalhos antes promovidos em circuitos e dimensões distintas.

As movimentações e incorporações empreendidas no campo da literatura de cordel não se dão sem tensionamentos entre grupos de cordelistas que concebem sua feitura de acordo a determinadas orientações sobre o que é o cordel. As tensões aparecem, por exemplo, nos embates sobre uma concepção fechada e que pretende ser “purista” para o cordel, enquadrando determinadas representações e símbolos que resvalam em estereótipos e a manutenção de preconceitos, como defendem os cordelistas ligados à Sociedade dos Cordelistas Mauditos. A SCM foi fundada por cordelistas no início deste século XXI, integrada pelo pai de Jarid Arraes, Hamurabi Batista, e por Salete Maria, cordelista, professora e feminista citada por Arraes como referência para a literatura de cordel, e que propõe a desconstrução de representações

estereotipadas do sertão, dos temas, das concepções sobre mulheres, homossexuais, negros, entre outros conteúdos tantas vezes trabalhados de forma preconceituosa na literatura de cordel tradicional.

Segundo Barros, a SCM tem por objetivo a “construção de uma poética baseada na intertextualidade entre o ponto de vista estético-narrativo e o ponto de vista político, com a denúncia de costumes populares reacionários” (2015, p. 84). Apesar de não estar relacionada ou implicada diretamente com a SCM, podemos inferir que a produção de Arraes compartilha de perspectivas adotadas pelos cordelistas *mauditos*. As escolhas de Arraes, do uso do suporte cordel e de sua “estética da tradição”, conforme pontuado pela própria autora em entrevista ao *Correio Braziliense* em 2019³, são mobilizadas a partir de rompimentos com elementos tradicionais do campo da literatura de cordel, com a ampliação temática de combate ao racismo, aos estigmas e aos preconceitos. Arraes incorpora conteúdos políticos e influências culturais contemporâneos à estética do cordel, tornando-os uma produção que realiza a tradução e a mediação de conteúdos do feminismo negro e da História do Negro no Brasil.

Os folhetos, atualizados politicamente e culturalmente, apresentam novos posicionamentos críticos frente às questões tornadas naturalizadas, como o racismo e o preconceito. Para a análise dessas produções que rompem com estigmas, novos repertórios epistêmicos são mobilizados, consoantes aos novos olhares e localizações propostas pelas cordelistas e poetas, como quando apresentam demandas e reflexões oriundas dos feminismos plurais brasileiros.

FEMINISMOS NEGRO E DECOLONIAL - REPERTÓRIOS PARA ANÁLISES DOS CORDÉIS

Especialmente a partir da segunda metade do século XX e em decorrência de fenômenos históricos e suas dinâmicas econômicas e sociais que atingiram grande parte de todo o mundo, como as duas grandes guerras mundiais e a Guerra Fria, verificamos a organização de movimentos epistêmicos que problematizaram aspectos dos quais nos valíamos para elaborar os saberes científicos, sejam aqueles da fundamentação teórica, sejam os repertórios instrumentais. A história contada pelos vencedores, os registros legitimados, passíveis de verificação positivista, os conceitos divididos em binômios – “erudito” x “popular” é um

³https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/diversaoarte/2019/07/13/interna_diversao_arte.770488/lady-gaga-do-cariri-jarid-arraes.shtml Último acesso em 25/11/2022.

exemplo –, conhecimentos construídos por e em acordo ao olhar eurocêntrico como único validador civilizacional e científico passaram a ser questionados por teorias urdidas por intelectuais não europeus e europeus, fortalecendo propostas de investigação não hegemônicas.

Correntes ou tendências teóricas como os estudos culturais, o pós-colonialismo, os estudos subalternos e a decolonialidade propõem a localização de repertórios e saberes outros que não estejam orientados pela lógica eurocêntrica ou pela colonialidade do saber, dando agência aos intelectuais e seus saberes oriundos de regiões globais que estiveram sob a exploração econômica europeia e o controle das narrativas, postulados, métodos e formas de validar os conhecimentos produzidos, considerados ou não científicos. Grada Kilomba aponta para o lugar da autoridade ocidental daqueles que executam a ciência moderna, e salienta que “os temas, paradigmas e metodologias do academicismo tradicional – a chamada epistemologia – refletem não um espaço heterogêneo para teorização, mas sim os interesses políticos específicos da sociedade branca” (2019, p. 54). Mulheres e homens indígenas e negros não tiveram lugar como produtores de conhecimento, na universalidade da ciência neutra e objetiva, visto serem seus saberes e agências caracterizados por estigmas e políticas racistas que os colocaram longe do que se definiu por ciência moderna.

Intelectuais latino-americanos, ligados ou relacionados ao programa de investigação decolonial, proposto entre fins do século XX e início do XXI, estabeleceram questões relativas às explorações interseccionais de raça, classe e gênero como movimentadoras das desigualdades que sustentam a modernidade/ colonialidade, operada por europeus a partir da invasão das Américas no final do século XV, constituindo o sistema mundo moderno/ colonial. Ramón Grosfoguel aponta as implicações do sistema capitalista e de seu desenvolvimento moderno, já que “a relação entre modernidade/ colonialidade e capitalismo é de tal ordem que a primeira, como processo civilizatório, é constitutiva e se enreda com a segunda” (2019, p. 63). A modernidade europeia acobertou sob a promessa do progresso e da civilização de viés liberal os mecanismos de racialização e hierarquização que sistematizaram dominações de raça, gênero, sexualidade, assim como articularam violências que impactam subjetividades e identidades de sujeitos colonizados e colonizadores.

As narrativas do feminismo hegemônico não escaparam da simplificação brancocêntrica que reforçou opressões ao propagar a ideia de que todas as mulheres estariam submetidas à opressão, sem considerar, para além do gênero, os atravessamentos de raça e classe, movimentos da colonialidade de poder e de gênero que atingem mulheres negras e indígenas de maneiras muito distintas daquelas que dizemos padecer, mulheres brancas, pobres ou não.

No Brasil, os feminismos negros tiveram atuação fundamental na elaboração do campo feminista entendido em sua pluralidade, seja da práxis ou no que tange às teorias. A intelectual Sueli Carneiro cunha a expressão “enegrecer o feminismo” (2019), que sintetiza a importância do feminismo negro brasileiro como orientador das pautas e demandas dos feminismos plurais, organizados em diálogo com as lutas populares e as lutas para a redemocratização do país nas décadas de 1970 e 1980.

Posicionamentos do programa de investigação decolonial e dos feminismos negros e plurais convergem, assim como a incorporação de conceitos e análises empreendidas por intelectuais nos anos 1970 e 1980, que não estiveram ligadas ao grupo batizado por modernidade/ colonialidade – ou M/C –, visto ser este movimento bastante recente. Das aproximações entre as intelectuais feministas negras e a decolonialidade, temos a organização de repertórios políticos e conceituais feministas contra-hegemônicos que, por sua vez, possibilitam elaborações de análises e saberes outros, que escapam aos vieses exclusivamente ou essencialmente eurocêntricos. A localização da produção do conhecimento a partir do corpo e da existência dos indivíduos, a geopolítica do conhecimento, em oposição à perspectiva da neutralidade, ou ainda a identificação do racismo como principal movimentador das opressões são posicionamentos concernentes aos feminismos plurais e à decolonialidade.

Para a análise dos cordéis da coleção *Heroínas Negras Brasileiras*, produções literárias feministas e antirracistas, que promovem a localização dos saberes de resistência empreendidos por mulheres negras cujas histórias sofreram apagamentos nas elaborações científicas e culturais brancocêntricas, acionamos conceitos e proposições de intelectuais negras e latino-americanas. Lélia Gonzalez, pioneira nas identificações acerca dos feminismos hegemônicos e do racismo como operador de desigualdades e opressões, construiu uma interpretação de Brasil que considera aspectos da psicanálise, da linguística, da história e da sociologia. Para Gonzalez, a resistência é fator central do desenvolvimento de saberes de resistência, apontamento sustentado pela pensadora norte-americana Patricia Hill Collins, que organizou a sistematização de conceitos e posicionamentos intelectualizados de ações frente às opressões mobilizadas por mulheres negras na diáspora, ressaltando a potência das ações coletivas, do fortalecimento oriundo das experiências e das trocas.

Os saberes de resistência foram e são formulados e concebidos a partir de lugares que estão às margens do controle eurocêntrico, empreendidos por sujeitos que conhecem as operações da modernidade/ colonialidade, de acordo com Collins e María Lugones. Para Lugones, o sistema moderno colonial de gênero deve ser analisado de forma a compreendermos

seu alcance destrutivo, “uma lente através da qual aprofundar a teorização da lógica opressiva da modernidade colonial, seu uso de dicotomias hierárquicas e de lógica categorial” (2014, p. 935). Ademais, é de fora da hegemonia eurocêntrica que podemos construir saberes e posições de resistência, elaboração fundamental também para Lugones.

OS SABERES DE RESISTÊNCIA DAS HEROÍNAS AMERICANAS NO LOCUS FRATURADO

*Assim como foi Zacimba
De Angola escravizada
Muitas outras também foram
No Brasil que castigava
Mas o espírito de luta
Nenhum branco lhes matava.
(Cordel Zacimba Gaba, Jarid Arraes)*

Zacimba Gaba, princesa da nação Cabinda, localizada na região do Angola atual, foi sequestrada e escravizada, trazida para o Brasil em fins do século XVII. Sua trajetória, narrada no cordel de Arraes, foi atravessada pelos sistemáticos ataques de violências e abusos cometidos pelo fazendeiro, supostamente justificados por sua inveja quanto à ascendência real de Zacimba. Assim como a heroína-princesa Zacimba, e como aponta Arraes, tantas outras mulheres negras foram exploradas, retiradas de suas famílias, territórios, saberes; sujeitas de humanidades descaracterizadas, compreendidas como objetos para o trabalho forçado e para a reprodução por meio dos estupros. Os usos de violências físicas, psíquicas, contra práticas, saberes e patrimônios foram operados pela colonialidade de poder e de gênero, mecanismos de controle individual e social, táticas de desarticulações de si e de formações de resistência em grupos.

Para além, verificamos a organização de discursos e conhecimentos oficiais, repertórios construídos na academia, na pedagogia, na imprensa e na cultura brasileira, veiculados especialmente após a abolição da escravatura, ao longo do século XX, que buscaram constituir as formas como entendemos os posicionamentos de mulheres e homens escravizados frente às opressões, como indicado na estrofe do cordel sobre Tereza de Benguela reproduzida abaixo:

Nos contaram que escravos
Não lutavam nem tentavam
Conquistar a liberdade
Que eles tanto almejavam
E por isso que passivos

Os escravos se encontravam
(ARRAES, 2017, p. 137)

Apatia frente à escravização, subordinação, comportamentos dóceis e aceitação das condições de exploração. Ideias errôneas vinculadas aos estereótipos, em narrativas hegemônicas, e que objetivaram apagar enfrentamentos e resistências. Os movimentos dialéticos entre opressões e ativismos mobilizaram saberes e posicionamentos, como indica Collins, já que “por trás da máscara de conformidade imposta às mulheres afro-americanas, existem há muito tempo atos de resistência organizados e anônimos” (2019, p. 179). Por meio de estratégias de sobrevivência, de elaborações de saberes, em caráter individual ou coletivo, as mulheres negras estiveram em processos de organização de resistência de ordens diversas: de suas subjetividades, identidades, conhecimentos, família, cultura e política. Collins resgata a potência da ação coletiva ao colocar que “quando combinados, esses atos individuais de resistência sugerem que as mulheres negras têm uma consciência coletiva específica” (2019, p. 181). O cordel sobre a história de Luísa Mahín corrobora o salientado:

Mas Luísa era guerreira
A rebelde sem igual
Fez ainda de sua casa
Como um quartel general
Onde eram planejadas
As revoltas sem igual.
(ARRAES, 2017, p. 91)

Para Gonzalez, a opressão é executada nas articulações entre raça, gênero e classe, articulando os atravessamentos dos marcadores de exploração e de subordinação, antes da popularização do conceito de *interseccionalidade*, elaborado pela jurista norte-americana Kimberlé Crenshaw em 1989. Gonzalez indica que “a exploração de classe e a discriminação racial constituem os elementos básicos da luta comum de homens e mulheres pertencentes a uma etnia subordinada” (apud HOLLANDA, 2020, p. 47). Arraes argumenta, no cordel sobre Antonieta de Barros, a respeito do peso das articulações racistas de gênero e raça, destacando a formação intelectual e política desta importante heroína, a primeira deputada estadual por Santa Catarina e a primeira deputada negra brasileira, eleita em 1934:

Pois não era só mulher
O que já era difícil
Era negra num passado

De racismo, de suplício
Bem pior que atualmente
E sem sucesso propício.
(ARRAES, 2017, p. 18)

As dinâmicas de opressões operadas pela modernidade/colonialidade foram e são combatidas com a força da sobrevivência, da criação, da resistência. Todos os cordéis da coleção *Heroínas Negras Brasileiras* apresentam as movimentações empreendidas pelas heroínas negras em resistências às opressões, seja no campo das artes e literatura, da política, em defesa de si ou de seu povo, seja na busca pela libertação. O quilombo, expressão da liberdade, deve ser compreendido enquanto construção e configuração de outras formas de organização do viver, que não as eurocêntricas, capitalistas e coloniais. De acordo com João José Reis, “africanos de diferentes grupos étnicos administraram suas diferenças e forjaram novos laços de solidariedade, recriaram culturas.” (1996, p. 16), como o indicado por Arraes no folheto sobre Aqualtune, princesa-heroína avó de Zumbi dos Palmares:

Nos quilombos do Brasil
Era forte a tradição
De manter vivas raízes
Africanas na nação
Aqualtune isso queria
Disso fazia questão.
(ARRAES, 2017, p. 30)

Os quilombos, bem como todos os outros espaços de convivência e socialização de mulheres e homens escravizados, foram terrenos de articulações de saberes e de políticas diversas, agregando elementos de matrizes culturais africanas, indígenas e europeias em tecituras específicas, de amplitudes regionais ou locais, com correspondências em âmbito nacional ou continental. Arranjos propostos a partir de experiências singulares, mobilizadas por sujeitas e sujeitos em agências distintas daquelas efetuadas em África, porém movimentadas, considerando valores, conhecimentos e estratégias trazidas dos territórios africanos, reelaboradas e compartilhadas aqui nas Américas. A essa movimentação latino-americana afrocentrada Gonzalez nomeou por “amefricanidade” (1988). Por meio dos versos do cordel sobre Na Agontimé temos contato com a história da heroína fundadora da Casa das Minas, importante centro religioso afro-brasileiro localizado em São Luís do Maranhão:



Sobre esse tambor de mina
Também vale conhecer
A religião do povo
Que apesar de padecer
Conseguiu perpetuar
Para sempre preservar
E enfim prevalecer.
(ARRAES, 2017, p. 132)

A Casa das Minas leva em seu nome a designação dada ao grupo de pessoas escravizadas, minas ou minas-jêje, vindas do reino do Daomé, atual Benim. O centro religioso desenvolveu o culto aos voduns, ancestrais da realeza de Daomé tornados divindades, bem como as festividades de São Sebastião e do Divino Espírito Santo. O campo religioso brasileiro e latino-americano compreende múltiplas manifestações que justamente congregam e articulam diferentes elementos africanos, indígenas e cristãos. Ademais, o campo religioso está imbricado e fundamenta outras manifestações de extrema importância para a cultura nacional brasileira, como aquelas relativas à música, no que tange aos instrumentos musicais, ritmos, danças etc. A amefricanidade, para Gonzalez, era movimentada “já na época escravista, ela se manifestava nas revoltas, na elaboração de estratégias de resistência cultural, no desenvolvimento de formas alternativas de organização social livre, cuja expressão concreta se encontra nos quilombos” (1988, p. 79). O paradigma epistêmico não hegemônico proposto por Gonzalez está reverberado nas estrofes do cordel sobre Tereza de Benguela, líder do quilombo de Quariterê, formado no Mato Grosso entre os anos de 1750 e 1770:

O quilombo tinha armas
Pela troca ou por resgate
E com muita resistência
Suportavam esse embate
Libertando muita gente
Pela via do combate

Além disso, ainda tinha
O plantio de algodão
E também lá se tecia
Pra comercialização
Os tecidos que vendiam
Fora da quilombação.
(ARRAES, 2017, p. 139)

Tereza de Benguela foi homenageada com a instituição do dia 25 de julho como o Dia Nacional de Tereza de Benguela e da Mulher Negra, por meio da Lei 12.987, assinada pela então presidente do Brasil, Dilma Rousseff, em 2014. Também em 25 de julho, mas no ano de 1992, ocorreu o primeiro encontro de Mulheres Negras Latino-Americanas e Caribenhas, na República Dominicana, data reconhecida como o Dia Internacional da Mulher Negra Latino-Americana e Caribenha. Especialmente a partir da década de 1970 os feminismos negros movimentaram os resgates de histórias, memórias e nomes de mulheres negras, como Dandara, Aqualtune, Luísa Mahin, Maria Felipa. O resgate histórico e o fortalecimento de memórias e narrativas são propostos também para que as alusões ao passado ofereçam representações políticas e identitárias que viabilizem os desmontes de narrativas hegemônicas, do mito da democracia racial. Verificamos o posicionamento consoante de Arraes ao feminismo negro no trecho abaixo, do folheto sobre Dandara, heroína-guerreira de Palmares tomada por símbolo das mulheres integrantes da “Reunião das Mulheres Negras Aqualtune – Remunea”, ou o “Grupão”, assim chamado por Gonzalez, na década de 1980.

Até mesmo sua morte
De heroísmo foi repleta
E a mensagem que anuncia
Entendemos bem completa:
Rejeitar a rendição
É a nossa condição
Como um grito de alerta.
(ARRAES, 2017, p. 51)

A amefricanidade é categoria que elucida as culturas e as sociedades brasileira e de outros países latino-americanos, visto localizar e marcar os lugares e papéis centrais dos repertórios de mundo africanos, indígenas, afro-latinos. Para Gonzalez, sua aplicação metodológica

está no fato de permitir a possibilidade de resgatar uma unidade específica, historicamente forjada no interior de diferentes sociedades que se formaram numa determinada parte do mundo. Portanto, a *América*, enquanto sistema etnogeográfico de referência, é uma criação nossa e de nossos antepassados no continente em que vivemos, inspirados em modelos africanos. Por conseguinte, o termo *amefricanas/ amefricanos* designa toda uma descendência: não só a dos africanos trazidos pelo tráfico negreiro como a

daqueles que chegaram à América muito antes de Colombo. Ontem como hoje, amefricanos oriundos dos mais diferentes países têm desempenhado um papel crucial na elaboração dessa amefricanidade que identifica na diáspora uma experiência histórica comum que exige ser devidamente conhecida e cuidadosamente pesquisada. Embora pertençamos a diferentes sociedades do continente, sabemos que o sistema de dominação é o mesmo em todas elas, ou seja: o *racismo*, essa elaboração fria e extrema do modelo ariano de explicação, cuja presença é uma constante em todos os níveis de pensamento, assim como parte e parcela das mais diferentes instituições dessas sociedades. (GONZALEZ, 2020, p. 135)

São agências, conteúdos e processos histórico-sociais, silenciados e que sofreram golpes dos sistemáticos apagamentos, que precisam ser organizados, narrados e apresentados, não somente nos meandros acadêmicos, mas para toda a sociedade brasileira, a fim de que se compreenda as dimensões das elaborações e saberes negros e indígenas, obliterados pelas produções científicas e culturais hegemônicas, eurocêntricas, brancocêntricas e androcêntricas. Nesse sentido, os cordéis da coleção *Heroínas Negras Brasileiras* são produções literárias amefricanas, porque abordam e colocam em evidência as biografias de mulheres negras, veiculando representações positivas, fundamentalmente distintas dos estereótipos utilizados na literatura de cordel tradicional. Para além, são trajetórias significativas para a história do Brasil, em correspondência ao proposto por Gonzalez, como verificamos na estrofe do cordel sobre a escritora e educadora Maria Firmina dos Reis:

Aos cinquenta e cinco anos
Uma escola ela fundou
Pra meninas e meninos
Sendo mista começou
Como escola gratuita
Que pouquíssimo durou.
(ARRAES, 2017, p. 110)

Maria Gislene Carvalho Fonseca e Letícia Fernanda da Silva Oliveira revelam que “na obra de Jarid Arraes há uma constante busca pela resignificação das imagens das mulheres negras, valorizando o que deve representar para estas a verdadeira luta” (2018, p. 211). Acionamos outro estudioso dos cordéis de Arraes, Henrique Marques Samyn, que aponta a virtude da escrita literária e cordelística, algo que possibilitou maior liberdade na construção

das obras, que destacam os feitos das heroínas, valorizam a representatividade e as atuações coletivas. Assim, os cordéis cumprem “simultaneamente as tarefas de resgatar elementos históricos e de fornecer instrumentos políticos para a luta antirracista” (SAMYN, 2016, p. 95). Considerando o disposto pelos autores, também constatamos nas elaborações de Arraes importantes contraposições às representações estigmatizadas de mulheres negras na literatura de cordel, como indicado abaixo no folheto sobre Maria Felipa:

Na história do Brasil
As mulheres negras são
Baluarte e segurança
Com grandeza e emoção
Lutadoras dessa terra
E heroínas da nação.
(ARRAES, 2017, p. 102)

Localizadas heroínas, as mulheres negras biografadas nos cordéis da coleção são retratadas em suas operações amefricanas de desenvolvimento de “saberes de resistência voltados contra a opressão racial” (COLLINS, 2019, p. 44). Ao acionar o suporte cordel para sua produção amefricana, Arraes o posiciona também como ferramenta política de correções históricas, como ela mesma indica no folheto sobre Mariana Crioula, uma das líderes da maior revolta de escravizados no Rio de Janeiro, em 1838:

Se na escola não se ensina
E se na TV não mostra
Eu escrevo esse cordel
E espalho essa proposta
Compartilha quem entende
E quem da verdade gosta.
(ARRAES, 2017, p. 122)

Leitoras e leitores são chamados a compartilhar desses saberes apresentados nos cordéis da coleção, em articulações entre autora, obra e leitores, atuação mediadora também muito significativa no campo da literatura de cordel, visto serem os folhetos uma reorganização e atualização impressa das cantorias e pelejas, correndo em paralelo e em retroalimentações com os versos dos cordéis apresentados por cantadores, cordelistas e vendedores em espaços públicos diversos. A função tradutora da literatura de cordel é efetuada nos cordéis da coleção, como expomos aqui com os versos das duas estrofes finais do cordel sobre Mariana Crioula:



Que Mariana Crioula
Faça parte da memória
Para toda gente negra
Para toda nossa história
Que seu nome se espalhe
Pois é nossa essa vitória.

A lição é que entregar-se
Nunca é uma opção
Só lutar que muda a vida
Batalhando em união
Com o firme objetivo
De alcançar transformação.
(ARRAES, 2017, p. 122)

Os cordéis são dispositivos literários dialógicos em fluxo histórico, veículos de formação e de informação, que propagam valores e análises sociais. De acordo com Francisco Cláudio Alves Marques, os cordéis são ferramentas que representam as vozes dos homens do sertão. Por meio das produções dos cordelistas os “acontecimentos, embora noticiados pelos jornais que circulavam pelo país, só chegavam ao conhecimento da população nordestina, mais precisamente à parcela iletrada dessa população, pela literatura de cordel, pelos folhetos de circunstância” (MARQUES, 2014, p. 40). Acionamos novamente um trecho do cordel Teresa de Benguela, no qual Arraes instrumentaliza politicamente o cordel, na denúncia sobre o racismo que opera nos apagamentos e estereotípias, bem como na localização da importância histórica da trajetória da heroína para mulheres e homens negros:

Que seus feitos importantes
Não mais sejam esquecidos
Que o racismo asqueroso
Não lhes deixe escondidos
Pois são para o povo negro
Exemplos fortalecidos.
(ARRAES, 2017, p. 141)

Os cordéis da coleção *Heroínas Negras Brasileiras* foram lançados no suporte livro para que pudessem ser melhor utilizados em contextos escolares. Os folhetos são produções literárias amefricanas de vieses pedagógicos, porque a literatura de cordel é um gênero literário brasileiro legitimado, que oferta representações positivas ao posicionar as mulheres negras como agentes

históricas, produtoras de saberes e de estratégias de lutas e resistências. Nomeadas heroínas, as amefricanas ancestrais têm o passado resgatado e apresentado para fundamentar as ações no presente, de leitoras que também são heroínas, que reverberem possíveis novos futuros, como indica Arraes ao dedicar o livro “às heroínas do presente, por acreditarem num futuro possível” (2017, p. 5). Assim, verificamos as implicações que envolvem leitoras e leitores, a obra e a autora, como indicado no cordel sobre Esperança Garcia:

Se você não conhecia
Essa história inspiradora
Peço que também espalhe
Porque é transformadora
A verdade de Esperança
Essa grande lutadora.
(ARRAES, 2017, p. 61)

Ao atribuir às amefricanas o título de heroínas, Arraes efetua a alteração de um aspecto importante na literatura de cordel, que atribui críticas às questões políticas abordadas e ações de superação às adversidades dos anti-heróis, a exemplo dos personagens João Grilo e Cancão de Fogo. Na literatura eurocêntrica, o herói tem funções específicas, com destaque na narrativa e ações morais que são modelos orientadores de conduta. Nos folhetos, os anti-heróis são os heróis do tipo “amarelinho”, atualizações paródicas do arquétipo do herói, com importantes funções sociais, “pois esses tipos sintetizam a astúcia e a sabedoria camponesa empregadas para sobrepujar os representantes da cultura oficial, detentores da ‘sabedoria’ escrita e senhores dos meios de produção” (MARQUES, 2014, p. 249).

O anti-herói é tanto símbolo das lutas contra os abusos dos poderosos quanto a encarnação da população pobre, que se identifica com o personagem, ele mesmo oriundo das camadas pobres, franzino e estigmatizado. De acordo com Stefanie Cavalcanti de Lima Silva, os anti-heróis são contestadores, astutos, e subvertem as hierarquias sociais, sobrevivendo a todas as dificuldades e “contra todas as circunstâncias, ele persevera e, se o herói conta sempre com a boa sorte em seu caminho, o anti-herói do cordel constrói sua fortuna contornando obstáculos e superando dificuldades” (2017, p. 262). Facilmente reconhecidos, promotores do riso e das provocações, os anti-heróis mobilizavam as reflexões e ensinamentos dos quais a população nordestina é detentora e se utiliza para viver.

Arraes marca as mulheres negras como heroínas e reorganiza uma função e lugar atribuído aos anti-heróis na literatura de cordel tradicional. Nos dois casos, e considerando o

deslocamento conceitual, temos personagens de histórias marginalizadas pela colonialidade de poder e suas operações, mas que se articularam em estratégias de sobrevivência e resistência aos mecanismos do poder e violências. Nos folhetos tradicionais, o anti-herói é símbolo das lutas do povo nordestino; nos cordéis da coleção *Heroínas Negras Brasileiras*, as heroínas são representações das e para as mulheres negras. Em ambos os casos, há o reconhecimento dos enfrentamentos e a valorização das narrativas. Em diversos dos cordéis da coleção Arraes utiliza o termo heroínas, e acrescentamos a definição amefricanas apresentada por Gonzalez. Para ilustrar, segue abaixo a estrofe do cordel sobre Dandara dos Palmares:

Há quem diga que Dandara
É um símbolo lendário
Que está representando
Um poder imaginário
Heroína para a gente
Como deusa que ardente
Traz o revolucionário.
(ARRAES, 2017, p. 52)

As heroínas amefricanas são as mulheres negras que no *locus* fraturado da diferença colonial elaboraram saberes e estratégias de sobrevivência, articuladas em coletivos ou em ações individuais. Situamos as heroínas amefricanas na localização proposta pela intelectual María Lugones (2014), do *locus* fraturado de enunciação, construído na diferença colonial, que potencializa a elaboração do pensamento de fronteira, e segundo Lugones, “é nas histórias de resistência na diferença colonial onde devemos residir, aprendendo umas sobre as outras” (2014, p. 948). A fratura colonial se encontra na diferença e na exterioridade nas quais sujeitos foram subalternizados e que permite a criação de saberes que estão, também, fora das lógicas eurocentradas. Assim, verificamos na obra de Carolina Maria de Jesus, por exemplo, a potencialidade de suas produções literárias, poéticas, jornalísticas e de interpretação do Brasil, como exposto por Arraes no cordel que trata da trajetória da heroína negra da literatura brasileira:

Sua obra era importante
Pela vil realidade
Que ali estava exposta
Tal ferida da cidade
A favela e a pobreza
De Carolina a verdade.
(ARRAES, 2017, p. 40)

As heroínas amefricanas são todas as mulheres negras brasileiras e da diáspora que produziram formas de resistir e de se localizar diante da modernidade/ colonialidade. As dimensões coletivas e políticas da coleção de cordéis são dispostas por Arraes nas conexões temporais que entrelaçam as resistências do passado, as formações e as agências no presente, incluindo aqui o trabalho de Arraes, e as perspectivas para uma elaboração de projetos de nação e futuro antirracistas e com a devida equidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na literatura de cordel tradicional, verificamos as abordagens estereotipadas de mulheres negras, associadas ao diabo cristão ou às práticas que são relacionadas a esta entidade ou ainda a questões relativas às mudanças sociais. As representações de mulheres nos cordéis estão cristalizadas sob vieses religiosos, comportamentais e culturais, refletindo as expectativas e lugares impostos por dinâmicas patriarcais e conservadoras. As produções cordelísticas de Arraes, sejam aquelas que tratam das amefricanas ou ainda outros cordéis que abordam questões identitárias, de autoestima, de denúncias e combates a preconceitos raciais, de gênero ou sexuais, implodem e reorganizam novos posicionamentos para os folhetos e seus usos e apropriações, seja para formação identitária, política ou pedagógica. Nos versos de Arraes, as mulheres negras são heroínas, tendo suas qualidades, feitos e saberes valorizados. São agentes em defesa da liberdade, do conhecimento e do fortalecimento identitário e histórico, como indicado no folheto sobre a escritora Carolina Maria de Jesus:

Carolina é um tesouro
Para o povo brasileiro
É orgulho pras mulheres
Para o povo negro inteiro
Referência como exemplo
De valor testamentário.
(ARRAES, 2017, p. 42)

Para Gonzalez, Collins e Lugones, as práticas de resistência são fatores fundamentais para a descolonização do pensamento e dos saberes. Assim, podemos inferir que os cordéis da coleção *Heroínas Negras Brasileiras* são produções literárias feministas decoloniais, pois movimentam processos de descolonização, configurando importantes ferramentas políticas de

formação e reconhecimento. Os cordéis e sua publicação no formato livro são ferramentas para a promoção da educação das relações étnico-raciais e a aplicação da lei 10.639, promulgada em 2003, que torna obrigatório o ensino da história e cultura afro-brasileiras na educação básica e no ensino superior.

Os cordéis são criações literárias mobilizadoras de transformações sociais, que promovem questionamentos e incômodos com relação às formas e conteúdos selecionados para compor as elaborações históricas, científicas e culturais. Para Cavalcanti, “o simples ato de recontar histórias, afinal, mesmo que para examiná-las, implica permitir que elas exerçam sobre nós sua força” (2019, p. 391), e o resgate das trajetórias das heroínas amefricanas enseja as mediações e traduções pertinentes à literatura de cordel, efetuando correções históricas e ampliando a possibilidade de elaboração de saberes outros, críticos e não eurocentrados, propostos no *locus* fraturado e para o pensamento de fronteira, a partir da diferença colonial que forja o que efetivamente é o Brasil.

REFERÊNCIAS

- ARRAES, J. *Heroínas Negras Brasileiras: em 15 cordéis*. São Paulo: Polén, 2017.
- BARROS, M. P. *Relações de gênero na literatura de cordel*. Curitiba: Appris, 2015.
- BERNARDINO-COSTA, J.; MALDONADO-TORRES, N.; GROSGOUEL, R. (Org.). *Decolonialidade e pensamento afrodiaspórico*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.
- CARNEIRO, S. *Escritos de uma vida*. São Paulo: Pólen, 2019.
- CAVALCANTI, M. L. V. de C. A Casa das Minas de São Luís do Maranhão e a saga de Ná Agontimé. In: *Sociologia e Antropologia*. Rio de Janeiro, v.09.02, p. 387–429, mai.–ago, 2019.
- COLLINS, P. H. *O pensamento feminista negro*. São Paulo: Boitempo, 2019.
- FONSECA, M. G.; OLIVEIRA, L. F. S. Feminismo negro e poesia de cordel de Jarid Arraes. In: GONÇALVES, J. S.; TRINDADE, V. C.; MACHADO, F. V. K. *Dar-se a ver: textualidades, gêneros e sexualidades em estudos da comunicação*. Belo Horizonte: PPGCOM UFMG, 2018.
- GONÇALVES, M. A. Cordel híbrido, contemporâneo e cosmopolita. In: *Textos escolhidos de cultura e arte populares*. Rio de Janeiro, v. 4, n. 1, p. 21-38, 2007.
- GONZALEZ, L. A categoria político-cultural de amefricanidade. In: *Tempo Brasileiro*. Rio de Janeiro, n. 92/ 93 (jan/ jun), p. 69-82, 1988.
- GONZALEZ, L. *Por um feminismo afro-latino-americano: ensaios, intervenções e diálogos*. Org. de Flávia Rios e Márcia Lima. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.
- HOLLANDA, H. B. de (Org.). *Pensamento feminista brasileiro: perspectivas decoloniais*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020.
- KILOMBA, G. *Memórias da plantação – episódios de racismo cotidiano*. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.



- LUGONES, Maria. Rumo ao feminismo descolonial. In: *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 22, n. 3, p. 935-952, 2014.
- MACIEL, N. Intitulada “Lady Gaga do Cariri”, Jarid Arraes mistura fantasia e realismo. *Correio Braziliense*, 13 de julho de 2019. Disponível em: https://www.correio braziliense.com.br/app/noticia/diversaoarte/2019/07/13/interna_diversao_arte,770488/lady-gaga-do-cariri-jarid-arraes.shtml Acesso em 15, abril, 20.
- MARQUES, Francisco Cláudio Alves. *Um pau com formigas ou o mundo às avessas: a sátira na poesia popular de Leandro Gomes de Barros*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2014.
- REIS, J. J. Quilombos e revoltas escravas no Brasil. In: *Revista USP*. São Paulo, v. 28, p. 14-39, dezembro/ fevereiro 1995/1996.
- SAMYN, H. M. Negritude e gênero no cordel: ensaio sobre as “heroínas negras” de Jarid Arraes. In: *Macabéa: Revista Eletrônica do Netlli*, v. 5, n. 2, p. 92-102, 2016. Disponível em: <http://periodicos.urca.br/ojs/index.php/MacREN/article/view/1209> Acesso em 15, abril, 20.
- SILVA, S. C. L. “O anti-herói na literatura de cordel: uma análise do comportamento do protagonista nos cordéis ‘Artimanhas de João Grilo’, de Arievaldo Viana, e ‘As astúcias do filho de João Grilo’, de Francisco Melchíades.” In: SILVA, F. M. S. da; SOUSA, A. V. de; SILVA, F. D. da; LIMA, F. W. R. (Org). *Percursos da literatura no Ceará*. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2017.